

Haroldo Hollanda

## Sarney na sua cartada decisiva

«O presidente, com a moratória, não tem mais baralho: jogou cartada decisiva», comenta um dos líderes políticos do governo. De outra parte, influente liderança do PMDB observa que o presidente Sarney, em face das crises e dos impasses, «oscila, oscila, mas na hora decisiva não se recusa a tomar atitudes históricas». Ele se referia ao episódio recentíssimo da moratória e mais remotamente ao lançamento do Cruzado I. Acuado pela crise, ao pedir moratória, o presidente, pelo menos num primeiro momento, imobilizou adversários políticos, do mesmo modo que críticos situados dentro dos muros do próprio governo. Calou os indecisos do PMDB que relutavam em apoiá-lo, ao mesmo tempo em que retirava preciosa bandeira política das mãos do PT, PDT e de outros grupamentos de esquerda. O PT, de Lula, de acordo com a visão dos líderes do PMDB, ensaiou inicialmente reagir contra o governo, mas retraiu-se em tempo hábil para melhor refletir sobre as repercussões e alcance da decisão tomada pelo governo.

Sarney bateu no cravo e na ferradura. Se de um lado satisfaz às esquerdas do PMDB com a moratória, de outra parte contentou os conservadores e ortodoxos econômicos do PFL, ao anunciar um plano de austeridade governamental, que se respeitado poderá contribuir para fazer regredir a inflação. Prometeu que o governo só vai gastar o que tiver disponível no caixa do Tesouro. «É contabilidade de português, do deve e do haver», avisa contente o deputado José Lourenço, líder do PFL. As estatais, por sua vez, só realizarão investimentos, se tiverem recursos provenientes de suas próprias receitas. Finalmente, o governo se retrairá do mercado. Irá exclusivamente rolar a chamada dívida interna. Com isso há a expectativa de que os juros venham a cair, pois o governo, com a pressão da demanda que exercia sobre o mercado, era o principal responsável pela elevação das taxas.

Com essa política, acreditam os conservadores que o país venha a sofrer um período de recessão econômica. Mas o presidente Sarney e as lideranças do PMDB asseguram que não. Quem está com a razão? Eis uma pergunta que só com a evolução dos fatos e dos acontecimentos se poderá obter resposta convincente.

### Alto risco

O governo, segundo reconhecem suas próprias lideranças políticas, jogou cartada decisiva, que incluiu taxas de altos riscos políticos. Mas não havia outra alternativa de acordo com as alegações apresentadas. Não se acredita que represálias econômicas imediatas contra o Brasil venham a ser tomadas. Nas avaliações feitas até aqui pelo ministro Dilson Funaro, os banqueiros, num primeiro lance, jogariam todo o peso da sua influência e pressão no sentido de que o país reveja sua posição. Se constatarem, porém, que a atitude brasileira não é passível de alteração, admitem adotar retaliações.

O ministro da Fazenda informa que para a compra de petróleo estamos preparados para cumprir à vista todos os pagamentos. Não se acredita numa guerra total, em que o Brasil se veja obrigado a sucatear seu parque industrial. Afinal de contas, pondera-se, o Brasil tem sido aliado fiel do Ocidente. Com o agravamento do quadro econômico interno, haveria o risco do nosso território transformar-se em área de conflito internacional, o que não interessa em absoluto ao Ocidente. Se houver represália, esta pelo menos é a expectativa das autoridades nacionais, ela deverá alcançar as linhas de comercialização, tornando mais lentas as operações de importações de produtos dos quais ainda dependemos.

### Linha dura